

O fragmento de mapa corográfico de Portugal da *Real Academia de la Historia* de Madrid. Fases de realização e de utilização

Suzanne Daveau

Investigadora do Centro de Estudos Geográficos de Lisboa

Resumo

Este fragmento de mapa manuscrito de Portugal conserva três fases de realização e de utilização. Cerca de 1570, terá sido copiado do mapa padrão de Portugal e, a seguir, transferido para Madrid, quer em 1579 por Jorge Barbudo quer em 1583 por J. B. Lavanha. Pouco tempo depois, o seu conteúdo foi completado, para servir de base ao mapa da Península Ibérica em preparação, hoje conhecido através do *Atlas do Escorial*. Cerca de 1642, ele foi coberto por linhas de rumo e dividido em fragmentos, com finalidade militar. Finalmente, foi usado para consertar a capa de um livro. A análise do seu conteúdo permite também reconstituir a sua provável técnica de elaboração e o seu tamanho original.

Palavras-chave: Cartografia antiga. Utilização dos mapas. Portugal. Espanha

Résumé

Un fragment de carte chorographique du Portugal, conservé par la Real Academia de la Historia, Madrid. Ses phases de réalisation et d'utilisation.

Il s'agit d'une copie de la carte officielle du Portugal, laquelle n'est connue que par son indice, datant d'environ 1526. Cette copie a dû passer en Espagne en 1579, par la main de Jorge Barbuda, ou en 1583, par celle de João Baptista Lavanha. La carte a été alors complétée pour servir de base à l'*Atlas de l'Escorial*. Vers 1640, elle a été recouverte d'un dense réseau de lignes de rhumb, à l'instar des cartes nautiques, pour faciliter son utilisation militaire. C'est alors, probablement, qu'elle fut divisée en rectangles, dont n'est connu que celui qui correspond à la Beira occidentale. Ce rectangle a servi, plus tard, à consolider la reliure d'un livre. L'analyse de son contenu permet de reconstituer tant la dimension que la technique d'élaboration de la carte.

Mots-clés: Cartographie antique. Utilisation des cartes. Portugal. Espagne.

Abstract

An excerpt of the corographic map of Portugal of the Real Academia de la Historia, Madrid. Construction and utilization stages.

This manuscript map shows three stages of construction and use. The map has been produced ca. 1570, as a copy of the standard map of Portugal. It was transferred to Madrid in 1579 by Jorge Barbudo or in 1583 by J. B. Lavanha. Shortly after, it has been completed in order to be used as base for the map of the Iberian peninsula that was under construction, and which is now known as the *Atlas of Escorial*. Rhumb-lines were drawn on it ca. 1642 and the map was then divided in fragments for military use. Eventually, it was used to restore a book's binding. The analysis of the contents allows for the identification of the probable construction techniques, as well as of its original size.

Key-words: Ancient mapping, map use, Portugal, Spain

Em 1999 foi publicada a reprodução de um fragmento de mapa manuscrito de Portugal, desenhado a cores sobre pergaminho (MANO PORTO, 1999: 30-31). Conservado na *Real Academia de la Historia* de Madrid, mede 31,5 x 21 cm e foi utilizado para consolidar a capa de um livro, ainda não identificado. Na lombada, com 6 cm de espessura, podiam decifrar-se as indicações seguintes: 10 / P. N^o / Ermit.^{os} de / S.... Na outra face

do pergaminho descobriu-se um fragmento de mapa corográfico manuscrito de Portugal, que continuava em bastante bom estado (Figura1), ainda que quatro conjuntos de 4 buracos o atravessassem, ficando colados restos de papel. Tive a oportunidade de estudar brevemente este documento, aquando do *XIX Congresso Internacional de Cartografia* (Madrid, Julho de 2001), beneficiando então, na minha leitura, da ajuda do historiador Orlando Gama.

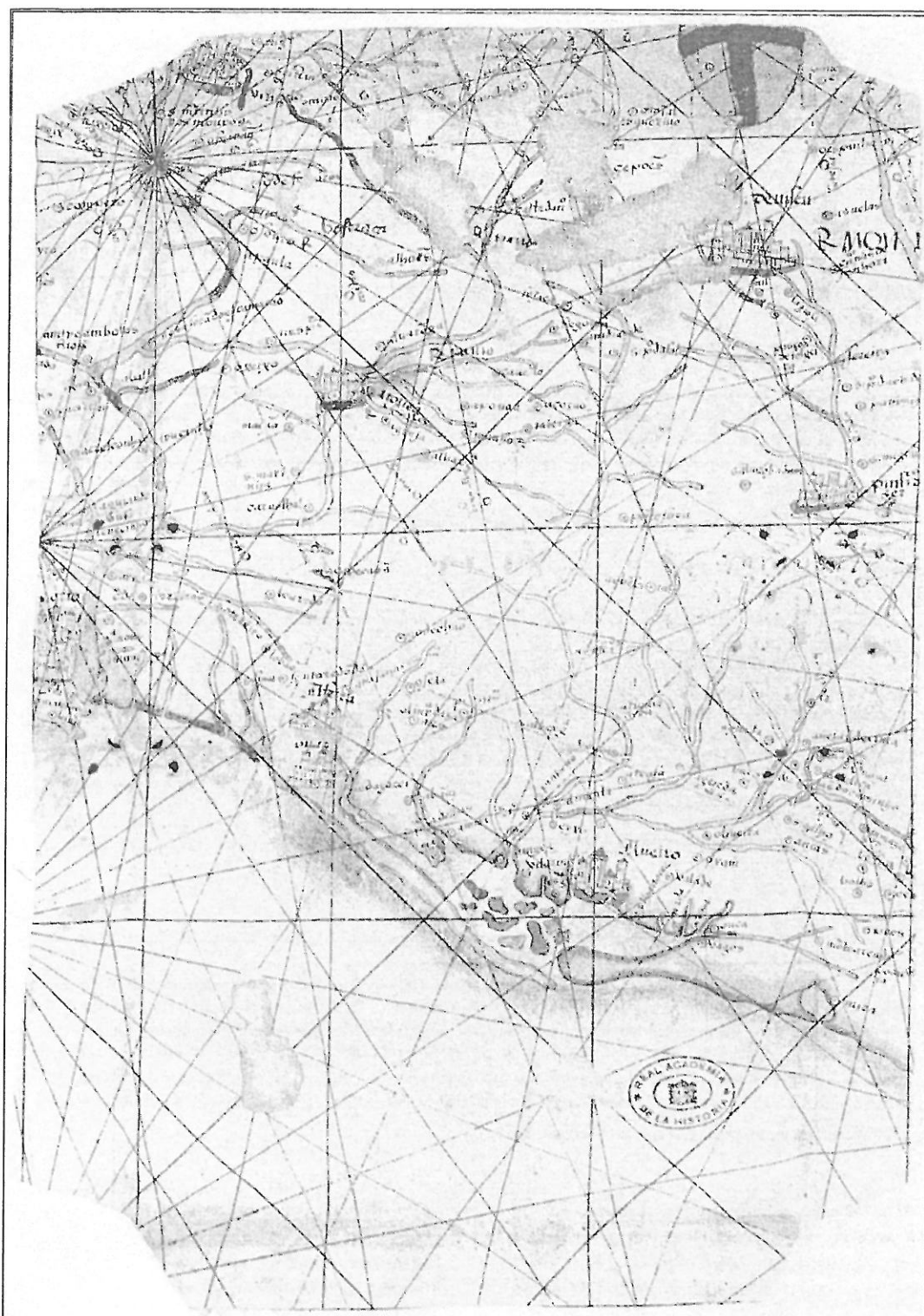


Figura 1

Fragmento de mapa de Portugal em pergaminho (Mapa RAH).

Reprodução extraída de C. Manso Porto - *Cartografia Histórica Portuguesa*, Real Academia de la Historia, Madrid, 1999, p. 30



Figura 2

Fragmento de mapa de Portugal em pergaminho (Mapa RAH), restaurado.
Imagem cedida por C. Manso Porto, em 2003

O fragmento foi restaurado pela *Real Academia de la Historia* (RAH), tendo Carmen Manso Porto mandado nova cópia, em Fevereiro de 2003, a Joaquina Feijão, responsável da Área de Cartografia da Biblioteca Nacional de Portugal, que ma confiou para estudo (Figura 2). Este mesmo fragmento acaba de ser reproduzido no Volume III de *The History of Cartography* (Alegria *et al*, 2007: 1040-41 e est. 26). A nova imagem, designada a seguir por "Mapa RAH", permite uma ótima leitura do documento, tendo apenas o inconveniente de ter ficado eliminada uma estreita faixa periférica. Felizmente, esta é perfeitamente legível na reprodução de 1999 (Figura 1).

Este fragmento de mapa afigura-se do maior interesse, não apenas por ser o mais antigo exemplar, até hoje conhecido, de um mapa corográfico manuscrito de Portugal, mas também por nele se distinguirem nitidamente três fases principais de realização e por se poderem reconstituir contrastados episódios da sua utilização. Ora, o capítulo da utilização dos mapas é, porventura, o menos bem desenvolvido de toda a História da Cartografia (Sobre o caso português, ver DAVEAU e GALEGO, 1995: 85-123).

O documento cartográfico, do qual provém o fragmento hoje conservado, teve uma história complexa, que se pode dividir em três fases principais, provavelmente separadas por lapsos de tempo apreciáveis:

1. O fundo hidrográfico do mapa, a localização e o nome da maior parte das povoações, bem como o escudo de armas, recortado pelo limite oriental do fragmento, correspondem à primeira fase de desenho, de todas a mais importante.

2. A figuração de maciços montanhosos, os nomes de algumas povoações e os dos rios da parte oriental do fragmento, foram mais tarde acrescentados, através de um desenho menos cuidado.

3. Uma rede de linhas de rumo foi finalmente implantada sobre as figurações anteriores, recortando-as indiferentemente.

As três fases principais de realização do Mapa RAH

Fase 1. Podem distinguir-se várias etapas nesta importante fase inicial. A leve marca de uma quadrícula traçada a lápis (Figura 3) terá sido o primeiro passo na realização do mapa, o que mostra que este resultou da cópia de um mapa anterior. Os quadrados medem cerca de 2,6 cm de lado e os seus limites têm uma orientação quase exactamente leste-oeste e norte-sul. A quadrícula é regular, à excepção da duplicação do traço norte-sul, situado logo a oeste da foz do Douro. Esta anomalia corresponde sensivelmente ao meio do mapa original, como se verá a seguir (Figura 5). Pode pensar-se que o documento, a partir do qual

o Mapa RAH foi copiado, ocupava quatro ou seis folhas de pergaminho, ou seja, tinha um recorte semelhante ao do mapa de Portugal de Álvaro Seco, impresso em Antuérpia em 1565. O Mapa RAH terá sido, portanto, não apenas copiado mas muito provavelmente reduzido, segundo a técnica claramente explicada em 1551 por Martín Cortéz (CORTÉZ, 1551: 65v-66).

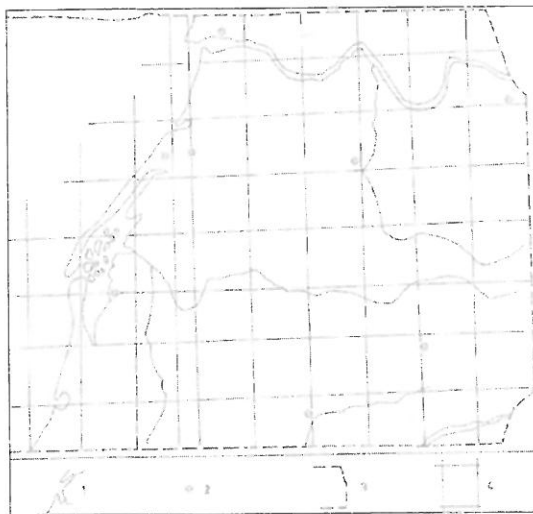


Figura 3

Quadrícula a lápis no Mapa RAH

1: litoral e rios principais; 2: centros urbanos; 3: limite do mapa RAH; 4: quadrícula a lápis

A partir da quadrícula, um leve esboço geral terá sido primeiro traçado a lápis; sobre ele desenhou-se a seguir outro a tinta. Parece possível reconstituir a ordem de passagem a limpo dos vários elementos do mapa. A implantação das pontes (24 no fragmento - Figura 4) terá sido o primeiro passo, anterior ao traçado a tinta das linhas duplas que assinalam os cursos de água. Notam-se poucas excepções: a ponte de Águeda, bem como a que se encontra a jusante de Pinheiro de Ázere, foram implantadas depois do desenho dos rios, podendo até ter sido acrescentadas apenas durante a Fase 2 do desenho. Note-se desde já que as pontes representadas no fragmento são bem mais numerosas do que no mapa de Álvaro Seco de 1561 (24 contra apenas 10), mas que 6 destas pontes aparecem nos dois mapas, o que pode sugerir que as duas séries foram extraídas de um mesmo mapa original. A abundância destes apetrechos viários, que permitiam manter a circulação, mesmo em épocas de cheias, é uma característica notável do mapa em estudo.

Não menos interessante é a qualidade e a densidade de representação da rede hidrográfica. Este

aspecto já tinha sido estudado por mim no caso dos mapas de Álvaro Seco (DAVEAU, 2000). Ora, a qualidade de representação da rede é ainda melhor no Mapa RAH, e muito semelhante à que se tinha notado então no *Atlas do Escorial*, relativamente à região de Évora (DAVEAU, 2000: Figuras 2 e 3). No fragmento agora em estudo, é principalmente notável o número elevado de pequenos afluentes da margem esquerda do rio Douro (Figura 4).

O passo seguinte do desenho foi implantar cuidadosamente, em função do traçado dos rios e pontes, tanto os numerosos pequenos círculos, de desenho muito regular e providos de um ponto central, destinados a localizar a maior parte das povoações, como os complexos símbolos figurativos, que se associam a estes círculos pontuados, para distinguir 8 aglomerações consideradas de tipo urbano (Figura 2).

Quanto aos nomes de povoações, eles só foram escritos depois, já que contornam ou evitam todos os elementos anteriores. Citam-se o exemplo de *mir^agaya*, cujo primeiro *a* se encontra levantado para evitar o traçado de um rio, ou o caso de *amdra de*, dividido na travessia do Vouga. Quando a última letra do topónimo se encontra levantada, pode tratar-se de uma abreviatura, mas nem sempre é o caso. Em *lenecinh^a*, a leste do Porto, evitou-se assim cortar o traçado do Douro. Raros são os casos em que, como em *manhoce*, o topónimo recorta um curso de água.

Estes topónimos são escritos com letra regular e legível, correndo quase sempre de norte para sul, mostrando assim que a parte cimeira do mapa estava virada para oriente. Esta regra não é, no entanto, rígida, existindo algumas adaptações locais das escritas ao traçado do litoral e dos rios. Ainda que cuidadosa e clara, a letra dos topónimos da *Fase 1* do desenho não atinge a qualidade e regularidade de escrita dos mapas que foram impressos na mesma época. Além disso, uma ou outra vez, um topónimo ficou incompleto, por exemplo *S. y^o da [Foz]* ou *[Er]mida*. Em *Froços* e em *Vila Chã*, o desenhador esqueceu-se até por completo de escrever os nomes das povoações, ficando sem nome, nesta fase do desenho, os respectivos círculos de localização (Figura 8).

A tinta usada durante a *Fase 1* do desenho conserva, ainda hoje, uma intensidade regular em todo o fragmento, tendo resistido eficazmente à passagem do tempo, à reutilização do pergaminho como capa de livro e, finalmente, ao recente restauro. Deste modo, não há praticamente nenhuma hesitação na decifração exacta daqueles topónimos, excepto nas partes danificadas e nas margens do fragmento, onde vários deles se encontram cortados.

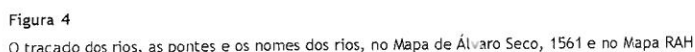
Segundo C. Manso Porto (MANO PORTO, 1999: 31) o manuscrito foi desenhado "a plumilla en tinta de

bugalho" e "iluminado a la aguada". Um roxo pálido assinala a água, tanto do oceano e da ria de Aveiro, como dos grandes e pequenos cursos de água. A variação da intensidade da cor, ao longo dos rios, sugere que a tinta diluída foi passada cuidadosamente, com um pincel minúsculo, entre linhas paralelas, distantes de pouco mais de um milímetro. O verde amarelado sublinha o litoral marítimo e cobre a base de 6 dos 8 símbolos urbanos. O vermelho assinala nestes os telhados das casas e, também, a cruz do escudo de armas. O fundo deste último, bem como as fachadas de casas, são cobertos por uma fraca tonalidade acinzentada.

O mapa que resultou da *Fase 1* de realização deve ter sido considerado pelo seu autor como um produto acabado, de boa apresentação, destinado quer à venda quer à oferta. No entanto, detectam-se alguns indícios de certa pressa na realização e nos acabamentos: topónimos esquecidos ou truncados, de orientação nem sempre perfeitamente meridiana, ou de posição mal calculada em relação aos elementos anteriormente desenhados.

Fase 2. Ela é testemunhada por diversos acrescentos, que dizem respeito a certo número de topónimos, a áreas montanhosas e a nomes de rios. Para os topónimos então introduzidos, foi utilizada uma pluma fina, e uma mais grossa para a maior parte dos nomes de rios. A tinta então usada está hoje geralmente mais pálida do que a da *Fase 1*.

Poucos são os rios nomeados no Mapa RAH (Figura 4). Curiosamente, eles correspondem apenas à metade oriental do fragmento conservado, como se a fonte de informação usada não cobrisse a sua parte ocidental, e eles são, em geral, diferentes dos que foram escolhidos para o mapa de Álvaro Seco de 1561. Estes nomes foram seguramente acrescentados depois dos topónimos da *Fase 1*: veja-se, em particular, o caso da *R^a fria*, cujo nome se insinua entre os topónimos *arouca* e *a ganja*, mordendo até no traçado do próprio rio (Figura 2). Ainda que quase sempre colocados com o oriente para cima, como os topónimos da *Fase 1*, parece evidente que os nomes de rios foram apenas introduzidos durante a *Fase 2*. A grafia é, com efeito, pouco cuidada e nota-se neles, como nos topónimos da *Fase 2*, a semelhança da letra *v* com o *b*, e não com o *u*, como era, de longe, o caso mais frequente nos topónimos da *Fase 1*. Confirma-se assim que o escrivão não foi o mesmo e talvez seja indício de o segundo ter sido castelhano. O facto de os nomes de rios serem diferentes, no Mapa RAH e no de Álvaro Seco, pode também sugerir que não se utilizou apenas este - ou o mapa do qual o de Álvaro Seco seria derivado - como fonte de informação, durante a *Fase 2* de desenho.



Outra série de símbolos, desenhados também com tinta pálida e de traçado pouco cuidado, parecem localizar os maciços montanhosos, com largos semicírculos, de desenho leve e irregular. Na parte sul do fragmento, individualiza-se assim o maciço do Caramulo, assinalado também pelo nome, *ocaramula*, escrito com letras grandes, que correm de norte para sul. Na parte norte, à volta de Campero, outro conjunto de montículos em semicírculos parece querer figurar a extremidade meridional da serra do Marão. Tal como os nomes de rios, estes símbolos foram desenhados com o oriente para cima, à semelhança dos topónimos da *Fase 1*. Recortam, várias vezes, o curso dos rios ou os topónimos anteriores.

Fase 3. Em certa altura, o mapa corográfico de Portugal, então já retocado e completado na *Fase 2*, foi coberto por uma densa rede de linhas de rumo, a modo de mapa náutico. Estas linhas entrecruzadas convergem para uma série de 32 rosas periféricas, das quais uma se vê nitidamente no canto nordeste do fragmento e outra se situa no seu limite norte (Figura 2 e 5). Conforme era usual nas cartas náuticas iluminadas da época (FONTOURA DA COSTA, 1960: 207), destinadas a ricos amadores ou utilizadores, os 8 rumos principais ("cardeais" e "intercardeais") são traçados a preto. Os rumos intermédios (as "meias partidas") são traçados a verde - um verde diferente, mais azulado que o usado aquando da Fase 1- e as "quartas" a vermelho (Figura 2). As linhas de rumo recortam indiferentemente, todos os outros elementos do Mapa RAH, tornando até, muito difícil a leitura dos topónimos situados na proximidade das rosas. A orientação dos rumos cardeais coincide quase com a da quadrícula a lápis, mas faz no entanto, com ela, um ângulo de poucos graus. Dada a pequenez do fragmento conservado, é difícil decidir se este ângulo é sistemático ou apenas local. O traçado das linhas de rumo aparece regular, desde que se desprezem as deformações leves que o pergaminho

deve ter sofrido, sobretudo aquando da colagem na capa do livro. O cuidado posto no desenho da rede de rumos parece indicar que o Mapa RAH tinha então recuperado o estatuto de documento destinado a ser usado por pessoas de alta categoria social, estatuto que tinha temporariamente perdido durante a *Fase 2*, ficando, na altura, reduzido a borrão. O novo uso projectado, que será discutido a seguir, seria bem diferente dos anteriores.

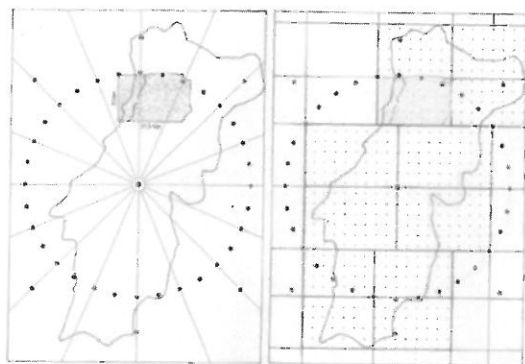


Figura 5

A Ria de Aveiro nos mapas de Álvaro Seco, 1561 e 1565, no Mapa RAH e no Atlas do Escorial.

É fácil reconstituir o círculo das 32 rosas de vento periféricas e esquematizar as linhas mestras da rede de rumos que cobria o mapa (Figura 5, esquerda). Colocando nesta rede o fragmento de mapa conservado, verifica-se que o mapa inteiro, correspondente ao território português, media cerca de 160 cm de norte a sul. A sua escala seria portanto cerca de 1:400.000. O facto de o meridiano central passar por cima da ria de Aveiro sugere que a metade setentrional do Mapa RAH apresentava uma forte distorção para NE, comparável à dos outros mapas corográficos quinhentistas de Portugal, até hoje conhecidos. Para facilitar a apreciação visual, tanto do tamanho como da deformação do Mapa RAH, implantou-se também comparativamente, na Figura 7, o contorno de Portugal, no mapa de Álvaro Seco de 1561.

Enquadramento biblio-cronológico do Mapa RAH (século XVI)

Para facilitar a interpretação das fases de realização e de utilização do mapa RAH, convém enquadrá-lo no actual conhecimento da descrição territorial de Portugal no século XVI, através de uma sumária resenha bibliográfica. Lembra-se primeiro as importantes observações e sugestões comparativas emitidas, desde os anos 40 do século XX, por Gonçalo de Reparaz

(REPARAZ, 1940, 1949 e 1950), bem como a aprofundada análise do mapa de Álvaro Seco, realizada em 1956-57 por quatro universitários de Coimbra (FERREIRA *et al*, 1956-57). Sublinha-se, em particular, o grande valor da lista toponímica então estabelecida por Joaquim da Silveira. Serão também utilizados os resultados dos vários estudos que publiquei, ou que tenho em preparação, sobre diversos produtos resultantes dos levantamentos corográficos quinhentistas de Portugal (DAVEAU, 2000, 2001a, 2001b e em preparação).

Em 1940, G. de Reparaz tinha partido da análise do *Atlas do Escorial*, que representa o conjunto da Península Ibérica, em 20 folhas, que datou de cerca de 1580-85. Tendo notado a qualidade superior da representação da rede hidrográfica do lado português da fronteira, ele emitiu a hipótese de ter existido em Portugal um mapa de boa qualidade, anterior ao Atlas. Em 1949, ele completou esta ideia pela análise comparativa do mapa de Álvaro Seco, que tem data de 1561. Concluiu que os dois mapas tinham muitas afinidades, mas que não pareciam derivar directamente um do outro, mas de um protótipo comum. Esta hipótese encontrou confirmação em estudos mais recentes e, em particular, pela análise em curso do conteúdo da *Lista toponímica de Hamburgo*, datável, pela dedicatória, de cerca de 1526 (KAUFMAN, 1988; DAVEAU, 2001b e em preparação). Com efeito, esta lista de milhar e meio de topónimos é, na realidade, o índice locativo de um mapa anterior, que ela permite reconstituir.

Como situar o fragmento de Mapa RAH na cadeia das prováveis derivações entre os vários testemunhos actualmente conhecidos do levantamento corográfico de Portugal? O próprio conteúdo do Mapa RAH não forneceu até agora elementos seguros, nem para determinar quem foi o seu autor/desenhador, nem de quando data a *Fase 1* do seu desenho. No entanto, várias particularidades ou anomalias do mapa são susceptíveis de fornecer indícios. Com efeito, factos semelhantes permitiram já elaborar hipóteses plausíveis sobre as circunstâncias da elaboração do conhecido mapa de Álvaro Seco (ALEGRIA *et al*, 2007: 1039-41).

Note-se, primeiro, a presença, no limite oriental do fragmento, de um *escudo de armas*, que é semelhante às "Antigas Armas de Portugal" que figuram no oceano, na edição de Roma/Veneza do mapa de Álvaro Seco, datada de 1561. Uma origem comum das duas figurações parece verosímil. A estranha posição do escudo, colocado a leste de Viseu, em pleno território português (Figura 1), deve ter um significado que não foi ainda possível descobrir.

Outra particularidade estranha é o grande número de lugares providos de um *símbolo urbano* (Figuras 2 e 6).

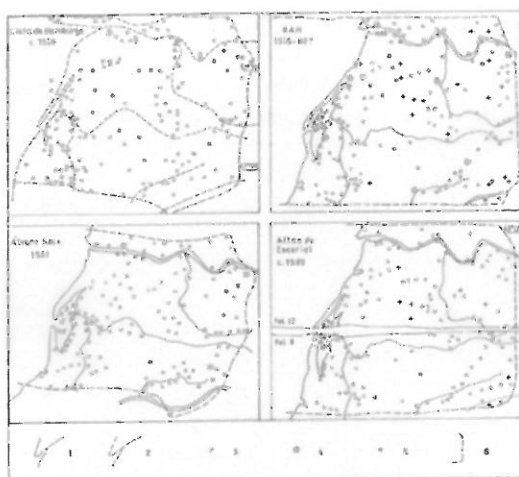


Figura 6

As localidades presentes no fragmento estudado, em 4 mapas diferentes. A: Mapa reconstituído a partir da lista de Hamburgo; B: Mapa de Álvaro Seco, 1561; C: Mapa RAH; D: Atlas do Escorial.

1: litoral e rios principais; 2: *idem*, interpolados; 3: topónimo, em geral e Fase 1 do Mapa RAH; 4: topónimo com figurino urbano (Mapa de Álvaro Seco e Fase 1 do Mapa RAH); 5: topónimo da Fase 2 do Mapa RAH, igualmente presente no Atlas do Escorial; 6: limite do Mapa RAH.

Além das cidades do Porto, Lamego e Viseu, que são também assim figuradas no mapa de Álvaro Seco de 1561, é o caso, no Mapa RAH, da populosa vila de Aveiro (com 905 moradores no *Numeramento* e que será elevada a cidade em 1759), das vilas de Arouca, Ovar e Feira e, ainda, da pequena sede de concelho de Pinheiro de Ázere. O Quadro I indica o número de moradores destas várias povoações, em 1527-32, segundo o *Numeramento dos moradores* (BRAAMCAMP FREIRE, 1905 e 1908; MAGALHÃES COLLAÇO, 1929). Verifica-se que a vila da Feira reunia então apenas 59 moradores “no corpo da vila”, quando várias outras vilas, incluídas no fragmento de mapa, sem serem graficamente destacadas, eram bem mais populosas (por exemplo, Britiande, Santa Comba Dão, Oliveira do Conde, Canas de Senhorim ou Castro Daire). Verdade seja que o conselho da Feira era muito vasto e povoado (2683 vizinhos no termo, no *Numeramento*). Quanto a Pinheiro de Ázere, esta modesta povoação de 29 moradores era apenas dita sede de um concelho rural, com 46 moradores. A única particularidade era a presença de uma *comenda da Ordem de Cristo* - já existente em 1359 (ALMEIDA, 1971, IV: 120). Nas *Inquirições* de 1258, Pinheiro de Ázere vinha mencionada como “honra” e a povoação conservou, até hoje, o pelourinho do concelho, extinto em 1834 (*Guia de Portugal*, III: 833-834). Mas tudo isto dificilmente justifica que Pinheiro de Ázere apareça no mapa como um centro urbano destacado.

Quadro I

Número de moradores segundo o *Numeramento* de 1527-32

1. nos lugares do mapa RAH, com símbolo urbano	
3006	Porto, cidade e arrabaldes
472	Lamego, cidade (dos muros adentro e nos arrabaldes)
459	Viseu, cidade (dos muros adentro e nos arrabaldes)
905	Aveiro, vila (no corpo da vila)
146	Arouca, vila
112	Ovar, vila (no corpo da vila, com a Ruela que está junto da vila)
59	A Feira, vila (no corpo da vila)
29	Pinheiro de Ázere, sede de concelho
2. nalgumas outras vilas do mapa RAH, sem símbolo urbano	
116	Britiande (na vila)
102	Santa Comba Dão (no corpo da vila)
99	Oliveira do Conde (no corpo da vila, que é chã)
93	Canas de Senhorim (na vila)
92	Castro Daire (na vila)

Ora, verificou-se no mapa de Álvaro Seco, que este tipo de destaque gráfico serviu aí de assinatura oculta, quer do próprio desenhador (a *Quinta dos Secos*, perto de Tomar), quer do provável comanditário do mapa, o embaixador português em Roma, Lourenço Pires de Távora (a *Quinta dos Tá-vora* e o *Mosteiro da Descida*, na margem sul da foz do Tejo) (ALEGRIA *et al.*, 2007: 1039-41). É muito possível que fenómenos análogos expliquem, no Mapa RAH, o estranho destaque de diversas pequenas vilas e, sobretudo, de Pinheiro de Ázere. Note-se, desde já, que a análise em curso do mapa que serviu de base à *Lista de Hamburgo*, sugere igualmente curiosas particularidades, que parecem liga-las às implantações e às personalidades da Ordem de Cristo.

Mas, além destas sugestões, extraídas do próprio conteúdo do mapa e que continuam, por agora, de difícil interpretação, existem escritos coevos que podem contribuir para esclarecer a sua história. Alguns dizem respeito a um certo mapa de Portugal (CORTESÃO, 1935-36, II: 279-285; CORTESÃO e TEIXEIRA DA MOTA, 1960, II: 123-125), que parece ter fortes analogias com o Mapa RAH. Sabe-se que o cartógrafo português Jorge Luís de Barbuda fugiu de Portugal para Espanha em 1579. Desde 1571, este “oficial mecânico de iluminar e pintar cartas de marear” era criado de D. Juan de Borja, embaixador de Espanha em Lisboa. Tendo tentado uma primeira vez seguir para Madrid em 1573, foi então preso e libertado apenas em 1575, a pedido do embaixador, que declarou que este seu “criado” estava elaborando para ele um “livro de empresas [divisas]”. Jorge Luís de Barbuda conseguiu finalmente sair de Portugal para Espanha em 1579, ajudado por Bautista Gésio, um napolitano ao serviço de Espanha desde 1565 (LAMB, 1985). Numa carta de 21 de Julho de 1579, Gésio informou o rei de Espanha que

este cartógrafo era um "homem hábil na Geografia e Corografia, em pintar mapas, lugares e províncias" e que ele desejava oferecer ao rei, para testemunhar do seu saber, um mapa ou "descrição do Reino de Portugal, na qual estão pintadas ao natural todas as cidades, vilas, lugares, portos de mar e de terra, montes, vales, florestas e rios daquele Reino, muito distintamente para que V. M. receba contentamento em ver numa volta de olhos toda a situação daquele Reino, todas as vezes que quiser". Barbuda será nomeado pelo rei, em 25 de Dezembro de 1582, "maestro de hacer cartas de Cosmografia, Geografia e de marear" e ficará doravante ao serviço de Felipe II (Filipe I), residindo quer em Madrid quer em Sevilha. Testemunhos da sua actividade existem até 1599. Um mapa da China, da sua autoria, será incorporado por Ortelius no *Theatrum Orbis Terrarum*, em 1584.

Os dizeres de Gésio adaptam-se bastante bem ao Mapa RAH, ainda que não se vejam florestas no fragmento e que os montes pareçam ter sido acrescentados durante a Fase 2 do desenho, a qual é muito provavelmente, como se vai ver, posterior à data da chegada de Jorge Luís de Barbuda a Madrid. Parece também curioso que Gésio não mencione as pontes na sua enumeração, quando elas são tão numerosas no mapa e o seu conhecimento tão importante para quem desejava ter o conhecimento prático de "toda a situação" do reino. Mas nada prova que a apresentação laudativa do mapa por Gésio tenha sido muito exacta.

Uma outra hipótese pode explicar a transferência do mapa para Espanha e ela é, pelo menos, tão verosímil como a primeira. O Mapa RAH pode muito bem ter sido levado para Madrid, não clandestinamente mas oficialmente, em 1583, por João Baptista Lavanha. Este grande cartógrafo foi, com efeito, contratado em 25 de Dezembro de 1582 por Felipe II, que residia então em Lisboa. Lavanha ficou encarregado pelo rei de dirigir juntamente os serviços de Cartografia de Espanha e Portugal, bem como a Academia de Matemáticas, projectada em Madrid. No mesmo dia em que Lavanha foi empossado destes diversos cargos, a situação de Luís Jorge de Barbuda foi regularizada. Enquanto Lavanha passava a receber anualmente foi regularizada 400 ducados, Barbuda recebia apenas 150. As responsabilidades do primeiro eram, com efeito, bem mais amplas: devia ocupar-se "na nossa Corte e onde se lhe ordenar, em coisas de Cosmografia, Geografia e Topografia, e em ler Matemáticas".

Em princípios de 1583, Lavanha seguiu para Madrid, levando evidentemente com ele a necessária documentação. Que Felipe II não hesitava em fazer deslocar os arquivos cartográficos de que precisava, mostra-o uma carta datada de 21 de Agosto de 1581,

escrita de Lisboa por Juan de Herrera a López de Velasco, para que este mandasse outra vez para Lisboa os mapas referentes ao problema das Molucas, que Barbuda tinha levado para Madrid em 1579. Entre os dados cartográficos sobre Portugal que Lavanha terá transferido em 1583, talvez figurasse tanto o próprio Mapa RAH como os outros documentos, que permitiram completá-lo na Fase 2 do desenho. A hipótese de o seu transporte ser devido a Lavanha aparece, portanto, como podendo ser, quer alternativa quer complementar, da hipótese do Mapa RAH ter sido desenhado por Barbuda.

Introduzido em Espanha em 1579, ou em 1583, é evidente que o Mapa RAH foi usado, pouco tempo depois, como documento para a elaboração do *Atlas do Escorial*. Dois argumentos não deixam dúvida a este respeito. Um deles é a perfeita correspondência que existe entre o traçado do litoral e dos cursos de água nos dois mapas, enquanto o desenho do mapa de Álvaro Seco se afasta sensivelmente deles (Figura 4). Note-se, em particular, o excelente desenho da ria de Aveiro no Mapa RAH (Figura 7). Diferenciavam-se claramente, nele, a estreita restinga arenosa - que não ultrapassava então para sul a latitude de Aveiro, segundo documentam vários textos coevos -, e o largo interflúvio de terrenos terciários onde se situa Vagos.

Pelo contrário, os dois mapas impressos, assinados por Álvaro Seco e datados de 1561 e de 1565, transformaram a ria de Aveiro num acidente simétrico e protuberante para o mar - imagem errada e, até, absurda, para quem tivesse um conhecimento directo do local. Ao contrário, o desenho da ria de Aveiro transmitido pelo Mapa RAH e, através dele, pelo *Atlas do Escorial*, resulta evidentemente de levantamentos feitos no campo por um observador atento. Quanto ao traçado de Álvaro Seco, pelo menos na forma em que chegou até nós, através das duas primeiras versões impressas do seu célebre mapa, ele parece obra de desenhadores de gabinete, que não entenderam o significado do mapa original. A imagem simétrica e protuberante da Ria de Aveiro será reproduzida, e mesmo exagerada inúmeras vezes, até ao século XVIII, por sucessivas gerações de cartógrafos de gabinete (RESENDE, 1994; CAMPAR *et al.* (coord.), 2003).

Mas outro argumento é ainda mais concludente. Verifica-se que os topónimos acrescentados aquando da Fase 2 de desenho do Mapa RAH, com letra pouco cuidada e com o mapa virado com o norte em cima, à semelhança do *Atlas do Escorial*, se encontram quase todos transcritos neste último (Figura 6). A história do Atlas não está ainda completamente decifrada. Segundo os elementos reunidos por G. Reparaz e por A. Cortesão (REPARAZ, 1940 e 1949; CORTESÃO e TEIXEIRA DA MOTA, 1960, II: 83-86), pensa-se que o seu desenho foi realizado entre 1580 e 1585, principalmente por, ou sob a direcção de,

Juan López de Velasco. Os autores mais recentes não saíram ainda do campo das hipóteses e generalidades, mas fazem utilmente ressaltar a coincidência da preparação do Atlas com o grande inquérito conhecido sob o nome de *Relaciones Geográficas* (BUISSERET, 2007: 1083-85). Seria interessante verificar se os topónimos acrescentados no Mapa RAH na Fase 2 do desenho e, depois transcritos no Atlas, são, ou não, da mão de López de Velasco, à semelhança das adições e correições que figuram segundo a opinião de Julián Zarco Cuevas citada por Reparaz (REPARAZ, 1949: 301). Também podiam ser devidos à mão de J. B. Lavanha. A importância da participação deste, ao lado de López de Velasco, no projecto filipino de um mapa geral da Península Ibérica, é assunto que mereceria estudos complementares (SACCHI, 1997: 55; KAGAN, 2002: 62). De qualquer modo, o facto de o Mapa RAH ter sido indubitavelmente retocado, para servir à elaboração do *Atlas do Escorial*, fornece um elemento seguro de datação aproximada das Fases 1 e 2 do seu desenho.

O conteúdo temático e toponímico do Mapa RAH

Numerosos elementos do mapa, resultantes das Fases 1 e 2 do desenho, podem contribuir para esclarecer as condições da sua elaboração. É o caso, em particular, da abundância das pontes, da desigual repartição espacial dos topónimos, dos alinhamentos assinalados entre eles e das heranças detectadas a partir de documentos anteriores. Estas diversas características podem ajudar a progredir na compreensão do papel que o Mapa RAH teve na evolução da representação cartográfica do território português.

O rico conteúdo toponímico do Mapa RAH pode ser apreciado, em conjunto, nas reproduções do original (Figuras 1 e 2), mas também nas figuras que destacam vários elementos do mapa. O *traçado* e os *nomes de rios*, bem como as numerosas *pontes*, aparecem na figura 4, onde se encontram comparados com os que figuram no mapa de Álvaro Seco de 1561. A grande abundância das pontes sugere que, se entre as fontes que se utilizaram para construir o mapa, estão, sem dúvida, compilações de itinerários, estas não tinham apenas a forma elementar de listas de povoações ou de vendas, mas a de verdadeiras descrições das características das sucessivas etapas do percurso. Conhecem-se actualmente dois exemplos quinhentistas deste tipo de documentos, a descrição por Duarte de Armas (ALMEIDA, 1943: 459-464) do seu próprio itinerário ao longo da raia, em 1509, e os numerosos itinerários que foram compilados por Fernando Colombo, de 1517 a 1523 (BLÁSQUEZ, 1908-1915; COLÓN, 1988).

Quanto aos *nomes de lugares*, eles são aqui graficamente comparados segundo duas modalidades diferentes. A figura 6 mostra a sua repartição e os seus

tipos, em quatro documentos sucessivos: a Lista de Hamburgo, o mapa de Álvaro Seco de 1561, o Mapa RAH e o Atlas do Escorial. Na figura 8, todas as localidades nomeadas no mapa, e das quais se encontrou o equivalente actual, foram implantadas sobre um mesmo fundo cartográfico moderno. Distinguíram-se, pelos tipos de símbolos e de letras usados, os lugares figurados durante as Fases 1 e 2 de desenho do Mapa RAH (RAH, 1 e RAH, 2). E estes são graficamente confrontados tanto com os que aparecem no mapa de Fernando Álvaro Seco de 1561 (AS) como com os que, além de incluídos num dos mapas, já estavam enumerados e localizados na Lista de Hamburgo (LH).

Em primeira análise observa-se, nas figuras 6 e 8, a *desigual densidade* das povoações representadas nas várias partes do Mapa RAH. Resultará principalmente esta desigualdade da própria realidade do povoamento na época, ou da desigual informação acessível ao desenhador? Nota-se uma densidade de topónimos particularmente elevada na parte ocidental do mapa, na faixa das terras baixas seguida pelos grandes itinerários que ligavam Coimbra ao Porto. Mas outros núcleos densos de topónimos dizem respeito, pelo contrário, a terras serranas situadas no interflúvio entre Vouga e Douro, onde muitos dos topónimos se referem apenas a casais, hoje mais ou menos abandonados e situados em vales pouco acessíveis (*Reper-tório Toponímico*, 1967). Por outro lado, verifica-se, nas partes menos ocupadas do mapa, que muitos dos topónimos se alinham a modo de itinerários. É, em especial, o caso na vertente norte do vale do Rio Alfusqueiro, afluente do Vouga, e desde a região de Santa Comba Dão até aos vales superiores do Vouga e do Paiva, passando por Viseu.

Duas fontes documentais principais parecem, portanto, ter sido utilizadas para elaborar os primeiros mapas corográficos de Portugal: 1. A compilação de itinerários descritivos, que forneceram ao cartógrafo, além das pontes, umas séries de lugares, exactamente ordenados ao longo de caminhos, mas de importância muito desigual, desde os maiores centros administrativos assim interligados, até às simples vendas que acompanhavam os caminhos. 2. Os lugares dependentes dos diversos centros administrativos. Estes lugares têm uma forte probabilidade de não estarem muito bem situados entre si, mas mais exactamente, pelo menos em distância, relativamente à vila ou à cidade que forneceu a informação.

Estas duas particularidades relativas aos lugares habitados (densidade desigual e alinhamentos) apareciam já no documento mais antigo conhecido, a Lista de Hamburgo, onde elas eram, até, mais acentuadas (Figura 6), enquanto elas se atenuam sensivelmente no mapa de Álvaro Seco de 1561 - o qual não passa de

uma cópia, reduzida e simplificada, de mapas anteriores. Parece assim confirmar-se que o Mapa RAH foi, pelo menos na sua *Fase 1*, um documento derivado por cópia do mapa de Portugal mais antigo conhecido, testemunhado pela Lista de Hamburgo. No mais abundante “universo” espacialmente informativo da mesma época - o *Numera-mento dos moradores* de 1527-32 - as notações de orientação são raras e aproximadas, o que me levou a pensar que este amplo e sistemático recenseamento não serviu de base ao mapa da Lista de Hamburgo, aliás muito provavelmente um pouco anterior (DAVEAU, 2001). Este teria sido elaborado directamente a partir dos dois tipos de informação que acabam de ser lembrados e que permitem apenas a implantação aproximada das localidades. Por outro lado, a técnica de cópia dos mapas, baseada na utilização de quadrícula (Figura 3), era pouco precisa e facilitava bastante a introdução de novos erros. Quando se procura hoje o equivalente moderno dos topónimos presentes nos sucessivos mapas, verifica-se, a cada passo, certa incerteza nas localizações relativas.

A figura 8 revela ainda que algumas localidades e, sobretudo, as do sopé oriental da Serra do Caralmo, presentes na Lista de Hamburgo e nos mapas de Álvaro Seco, foram eliminadas do Mapa RAH. A supressão desta faixa pode ter resultado de uma tentativa para “endireitar” o território português, que se encontrava muito esticado para NE, ao norte do rio Tejo, no mapa da Lista de Hamburgo (DAVEAU, em preparação), defeito da silhueta de Portugal que se mantinha ainda intacto no mapa de Álvaro Seco (Figura 5, esquerda).

Certas diferenças notadas na posição relativa dos topónimos dos sucessivos mapas radicam em erros precoces, cometidos por quem realizou, ou por quem leu, o mapa que serviu de base à Lista de Hamburgo. No espaço correspondente ao Mapa RAH, dois destes erros são fáceis de caracterizar e, até, de explicar. *Arrifana de Santa Maria* e *Ossela* encontram-se localizados no mar, na devida latitude mas, obviamente, demasiado a oeste (Figura 6, Lista de Hamburgo). A longitude indicada na Lista ($1^{\circ} 2/8$ nos dois casos, ou seja $1^{\circ} 15'$) resultará da distração de quem a estabeleceu. Quando mediu, com um compasso e um tronco, a longitude no mapa, terá lido $1^{\circ} 2/8$ em vez de $1^{\circ} 4/8$, ou seja $1^{\circ} 30'$, a longitude certa destes dois lugares.

Outro tipo de erro, frequente aquando da cópia dos mapas, consiste numa sensível deslocação do topónimo, para sul ou para norte. Este erro parece resultar dos topónimos terem sido, em geral, escritos segundo uma orientação meridiana, de sul para norte no mapa de Álvaro Seco de 1561 e de norte para sul no Mapa RAH. Com efeito, era, neste caso, fácil de atribuir um nome de lugar a um círculo ou ponto situado perto da extremidade errada da palavra, sobretudo quando o topónimo era comprido e situado num espaço densa-

mente ocupado do mapa. O risco crescia ainda quando, no mapa original, o círculo que localizava o topónimo se encontrava numa das margens de um rio correndo para oeste, e o nome do lugar na outra margem.

No entanto, a maior parte dos topónimos presentes nos mapas quinhentistas de Portugal continuam fáceis de identificar e testemunham assim, tanto da boa qualidade do primeiro levantamento cartográfico do país, como da estabilidade do seu povoamento e da sua toponímia. A lista de concordância realizada em 1956, por Joaquim da Silveira, a partir do mapa de Álvaro Seco, deixou poucos topónimos para identificar e continua quase toda válida. No entanto, alguns topónimos levantam problemas e parte deles deve, até, ser considerado como topónimos “fantasmas”, falsamente criados por qualquer dos desenhadores. Estes lugares inventados persistiram e transitaram de um mapa para outro, desde o século XVI até ao fim do XVIII, enquanto não se procedeu à renovação de raiz do levantamento cartográfico de Portugal. Três casos paradigmáticos de topónimos inventados detectam-se no Mapa RAH: *São Pedro da Chave*, ao sul de Viseu, bem como o *Concelho de Ferreiros e Rego da Chave*, ao sul do Porto. O seu estudo não vai ser desenvolvido por agora, porque merece ser aprofundado, de modo a trazer alguma luz sobre o sério problema dos processos de transmissão da informação, verdadeira ou errada, através dos sucessivos mapas, derivados uns dos outros durante o longo lapso de tempo que decorreu, sem renovação verdadeira da representação cartográfica de Portugal, desde os inícios do século XVI até ao século XIX (Ver, em GARCIA, 2006, a acesa polémica que foi travada a este respeito, no século XVIII).

Um mapa para a guerra (século XVII)

A implantação de uma densa e variegada rede de linhas de rumo, em cima de um anterior mapa corográfico, implica uma profunda transformação do seu uso projectado. Este tipo de mapa, ao mesmo tempo terrestre e “arrumado”, continua hoje praticamente desconhecido. Muito significativa é a falta de qualquer menção na recente e rica síntese sobre *Warfare and Cartography*, ca. 1549 ca. 1640, elaborada por John Hale para o Volume III de *The History of Cartography* (HALE, 2007). No entanto, existe um indelével testemunho, quase contemporâneo, devido ao humanista Jean Nicot, que foi embaixador de França em Portugal em 1559-60. No seu *Thrézor de la Langue Française* (1606), ele cita incidentalmente um mapa de França, arrumado ao modo dos mapas náuticos. Diz tê-lo visto em 1564, em Paris. Teria sido desenhado por um cartógrafo português, que L. Bourdon (BOURDON, 1973) identificou como sendo André Homem, um dos filhos de Lopo Homem. O mapa tinha sido

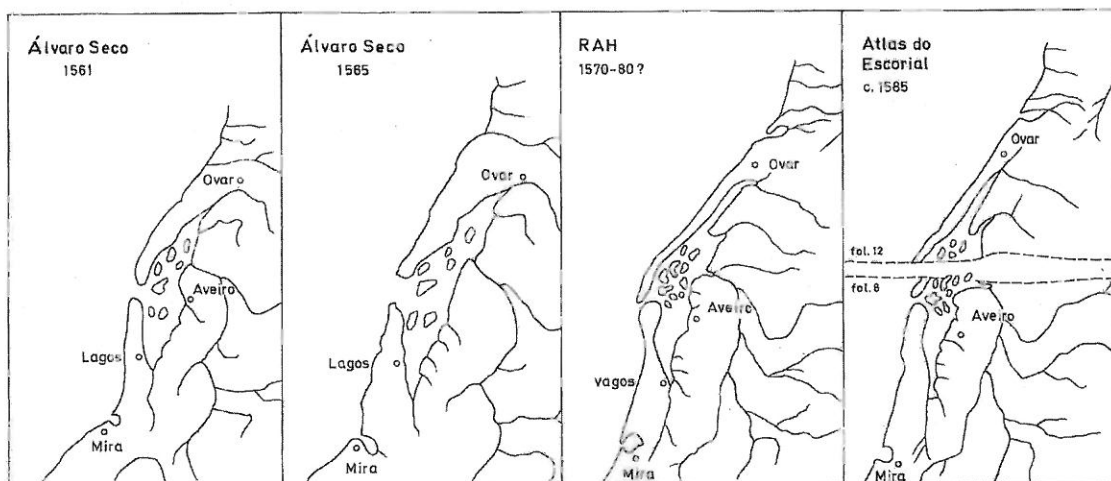


Figura 7

A rede de rumos implantada no Mapa RAH. À esquerda: reconstituição do mapa de Portugal, a partir do fragmento conservado; à direita: partição provável do mapa de Portugal, depois da sua arrumação

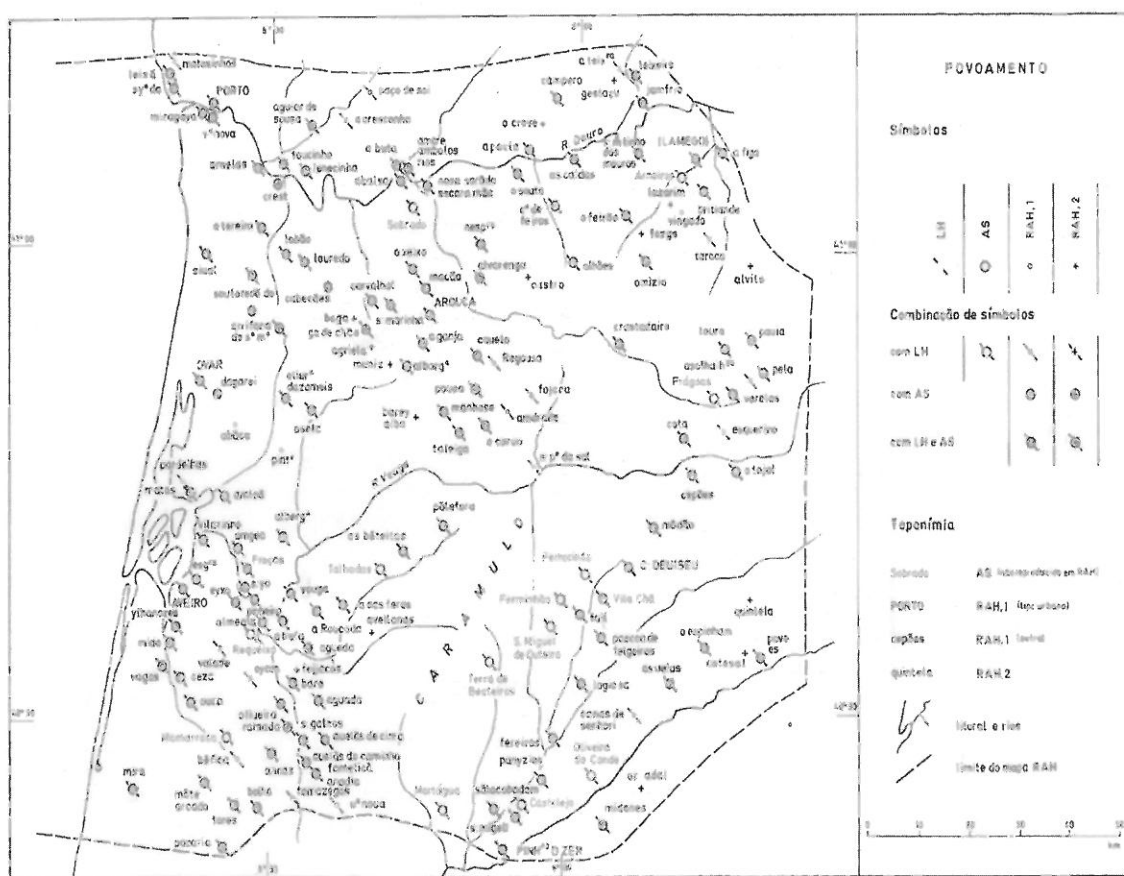


Figura 8

Localização comparativa das localidades, no fragmento de Mapa RAH (Fase 1 e Fase 2), no Mapa reconstituído a partir da Lista de Hamburgo e no Mapa de Álvaro Seco, 1561

encomendado a este cartógrafo pelo embaixador de Espanha em França, Thomas Perrenot de Chantonay. Nicot diz ter convencido André Homem a oferecer o seu mapa, não aos castelhanos mas ao rei de França, Charles IX, que lhe daria em troca emprego, acrescentando que tal mapa podia tornar-se "pernicioso" se saísse de França, por ser um "mapa para a guerra, servindo a um estrangeiro inimigo para, sem guia que conheça o país mas com a ajuda de um quadrante ou bússola, levar um exército através de todo o país desenhado no dito mapa arrumado". Com a oferta não se corria o risco de o perder.

Deduz-se, portanto, deste testemunho, que este tipo de mapa terrestre, de interesse militar, era já conhecido e praticado por especialistas e diplomatas portugueses e espanhóis, na década de 1560, ao passo que teria ainda constituído uma novidade em França, na mesma altura. Os exemplares deste tipo de mapa terão sido sempre raros e, além disso, muito resguardados e com circulação restrita, por razões óbvias. O único exemplar actualmente preservado parece ser o fragmento aqui em estudo.

Sabe-se que, quando as rebeliões da Catalunha e de Portugal deflagraram, em 1640, o rei Felipe IV pediu para ver o mapa de Portugal de Pedro Teixeira (KAGAN, 2002: 68). Atendendo aos mapas deste cartógrafo actualmente conhecidos, tanto pode tratar-se do mapa incluído num Atlas (PEREDA e MARIAS, 2002) datado de 1634, recentemente descoberto em Viena e publicado com o título de *El Atlas del Rey Planeta*, como de outro mapa manuscrito, mais pormenorizado, que porventura servirá de base ao mapa impresso em 1662, em Madrid (*Tesoros de la Cartografia Española*, 2001: 105-108). O cartógrafo português Pedro Teixeira, filho mais novo de Luís Teixeira, trabalhava com efeito em Espanha desde 1619, primeiro como ajudante de João Baptista Lavanha, mais tarde como responsável principal do levantamento do litoral ibérico, de que redigiu e pintou, em 1634, uma descrição pormenorizada (PEREDA e MARIAS, 2002). Mas estes dois mapas de Portugal de Pedro Teixeira, os únicos hoje conhecidos, apresentam um tipo de desenho, carregado e vistoso, bem diferente da clareza esquemática exigida pelas necessidades práticas da guerra. Por isso, não é de admirar que Jean de La Faille, cosmógrafo real de Espanha, se queixasse em 1642, enquanto já corriam as operações militares na fronteira portuguesa, de não possuir nenhum mapa operacional, nem da Catalunha nem dos confins de Espanha com Portugal (PARKER, 1992: 124 e 146, cit. em SACCHI, 1997: 51), afirmando ter de recorrer ainda aos antigos mapas, publicados a partir de 1570 por Ortelius (ORTELIUS, 1570).

Parece portanto uma hipótese plausível, que o Mapa RAH tenha sido "arrumado" em Madrid nesta

altura, quando os castelhanos tomaram consciência da desactualização e inoperância dos seus arquivos cartográficos militares. Constatação semelhante era, aliás, feita na mesma altura em Portugal, tendo o rei D. João V encomendado, igualmente em 1642 e com a mesma finalidade, mapas actualizados da fronteira luso-espanhola ao cartógrafo João Teixeira, o irmão mais velho de Pedro. E foi muito provavelmente nesta altura que João Teixeira realizou o mapa de Portugal, dito da Gulbenkian, encontrado em 1964 na Itália (CORTESÃO, 1965; PINHEIRO MARQUES, 1987. Em 2007, este mapa foi ofertado à Biblioteca). Nos anos seguintes, novos levantamentos das regiões fronteiriças luso-castelhanas, onde decorriam as operações militares, serão realizados por engenheiros militares estrangeiros, contratados por ambos os beligerantes (GARCIA IN ALEGRIA *et al*; 2007: 1052-1055).

É provável que o grande mapa corográfico quinhentista de Portugal, levado de Portugal para Madrid em 1579 ou em 1583, fosse de dimensão tal que apenas se podia consultar no gabinete, estendido em cima de uma mesa ou pendurado na parede. Depois de "arrumado", teria sido portanto dividido em rectângulos de dimensão manuseável, que tornavam possível a sua utilização no campo. Aliás, entre os raros vestígios, actualmente conhecidos em Portugal, da cartografia militar coeva, figuram alguns exemplos de fragmentos de mapas de pequena dimensão (DAVEAU, 1997: 39). A hipótese alternativa da fragmentação do mapa ser posterior à guerra e directamente destinada ao conserto de velhos livros, não pode ser completamente rechaçada, mas afigura-se muito menos provável.

O facto dos limites do único fragmento hoje conhecido coincidirem com quatro "rumos" perpendiculares, desenhados a preto, leva a propor, como muito verosímil, um esquema de divisão, que é fácil extrapolar para o conjunto do mapa (Figura 5, à direita). É evidente, que os quadriláteros que incorporavam as faixas fronteiriças tiveram muito mais probabilidade de ser utilizados e de ficarem danificados pelo uso no campo, e de terem assim desaparecido, do que o fragmento da Beira ocidental, que escapou às operações militares. Este fragmento pode, até, nunca ter saído da oficina madri-lena onde o mapa teria sido arrumado e dividido.

Manejados ou não pelos militares, estes fragmentos quadrangulares de pergaminho, carregados de tantos riscos que se tornavam em certos lugares quase ilegíveis, perderam, depois da guerra, qualquer utilidade e significado, e passaram a constituir cómodos e sólidos artefactos, muito próprios para remendar a encadernação rota de velhos e espessos livros, sem que se tenha de acusar qualquer pacífico bibliotecário da destruição inconsiderada de tão precioso testemunho da cartografia quinhentista portuguesa.

Remate

O fragmento de mapa conservado e publicado em 1999 pela *Real Academia de la Historia* é de grande interesse, podendo ser datados vários episódios da sua complexa história, com mais ou menos rigor (Figura 9).

ESPAÑA		PORTUGAL	Outros Países
Restituição do Mapa RAH 1ª Reprodução do Mapa RAH	2007 2003 1999	Comunicação S. Daveau Simpósio "Novos Rumos"	2ª reprodução do Mapa RAH
Utilização do Mapa RAH para conservar um livro	?		
Mapa de Portugal de Pedro Tolveira	1662		
"arrumação" e fragmentação do Mapa RAH		Mapa Guibenkian	
Mapa de Portugal de Pedro Tolveira (Atlas do Rei Planeta)	1642 1634		
Atlas do Escorial Saída do Mapa RAH para Espanha	1585 1583 1579	J. B. Lavanha L. J. de Barlhuda } ?	ed. de Amsterdão ed. de Ambores ed. de Roma / Veneza
	1570 1565 1561 1556	Mapa de Álvaro Seco desenho provável	
	1526	Oferta ao Cardeal D. Afonso da Lista de Hamburgo (Mapa padrão)	
	1600		

Figura 9

Quadro cronológico dos antecedentes, das fases de realização, de utilização e de estudo do Mapa RAH

Desenhado em Portugal a partir do mapa padrão do reino, provavelmente durante a década de 1570, ele insere-se sem dificuldade na sucessão dos mapas quinhentistas de Portugal (ALEGRIA *et al.*, 2007). Esses mapas estavam apenas documentados, até há pouco tempo, pelo mapa (desaparecido) que, por volta de 1526, serviu para estabelecer o índice locativo da *Lista de Hamburgo*, e pelos numerosos mapas impressos atribuídos a Álvaro Seco, cujo original manuscrito (desconhecido) é datável de 1558-59, a partir de certos pormenores do seu conteúdo (DAVEAU, 2003). As características do Mapa RAH confirmam a manutenção prolongada, em Lisboa, do "mapa padrão", postulado por Gonçalves de Reparaz desde 1940.

O Mapa RAH foi, em certa altura, levado para Madrid. Duas hipóteses são aqui apresentadas: a saída clandestina do mapa, em 1579, pela mão de quem teria sido o seu desenhador, Jorge Luís Barbuda, ou a saída legal, em 1583, resultante da contratação de João Baptista Lavanha para dirigir, em Madrid, os

serviços cartográficos dos dois Reinos. Num caso ou noutro, não há dúvida que o Mapa RAH foi, poucos anos decorridos, um dos documentos utilizados para a preparação de um mapa geral da Península Ibérica, projecto que falhou, mas do qual testemunha ainda o *Atlas do Escorial*.

A "arrumação" do Mapa RAH liga-se a uma fase politicamente diferente, de conflito armado, no começo da década de 1640. Parece constituir o episódio inicial do grande esforço de cartografia militar, que se irá desenvolver, tanto em Espanha como em Portugal, durante as Guerras da Restauração. Tem o interesse de documentar concretamente um tipo de mapa que era, até agora, apenas conhecido pela referência literária que lhe fez o humanista Jean Nicot em 1606.

Obras citadas

- ALLEGRIA, F. *et al.* (2007) - "Portuguese Cartography in the Renaissance". In WOODWARD, D. (ed.) - *The History of Cartography*, Vol. III, *Cartography in the European Renaissance*. The University of Chicago Press, pp. 975-1068.
- ALMEIDA, Fortunato (1971) - *História da Igreja em Portugal*. Porto-Lisboa, 4 volume.
- ALMEIDA, João (1943) - *Reprodução anotada do Livro das Fortalezas de Duarte Darnas*, Ed. Império, Lisboa.
- BLÁSQUEZ, A. DELGADO (ed.) (1908-1915) - *Descripción y Cosmografía de España*, Madrid.
- BOURDON, L. (1973) - André Homem, cartographe portugais en France (1560-1586). *Revista da Universidade de Coimbra*, nº 23, pp. 252-291.
- BRAAMCAMP FREIRE, A. (1905) - "Povoação de Entre Douro e Minho no XVI século". *Arquivo Histórico Português*, Vol. III, pp. 240-273.
- BRAAMCAMP FREIRE, A. (1908) - "Povoação da Estremadura no XVI século". *Arquivo Histórico Português*, Vol. VI, pp. 241-284.
- BUISSERET, D. (2007) - *Spanish Peninsular Cartography, 1500-1700*, In WOODWARD, pp. 1069-1094.
- CAMPAR, A. *et al.* (coord.) (2003) - *Olhar o Mundo, Ler o Território. Uma viagem pelos Mapas (coleção Nabais Conde)*. Coimbra.
- COLÓN, F. (1988) - *Descripción y Cosmografía de España por Fernan Colón*. Padillo Libros, Sevilha, 3 volumes.
- CORTESÃO, A. (1935-36) - *Cartografia e Cartógrafos Portugueses dos Séculos XV e XVI*. Lisboa, 2 volumes.
- CORTESÃO, A. (1964) - "Um velho mapa de Portugal descoberto em Itália". *Colóquio, Revista de Artes e Letras*, nº 30, pp. 31-34.
- CORTESÃO, A. e TEIXEIRA DA Mota, A. (1960) - *Portugalia Monumenta Cartographica*. Lisboa, 6 volumes (2ª ed., 1987).

- CORTÉZ, M. (1551) - *Breve Compendio de la Sphera*. Sevilha.
- DAVEAU, S. (1997), In ROVERO MAGALHÃES, J. et al. (coord.) - *Lugares e Regiões em Mapas Antigos*, C. N. C. D. P., Lisboa, pp. 13-44.
- DAVEAU, S. (2000) - "A rede hidrográfica no mapa de Portugal de Fernando Álvaro Seco (1560)". *Finisterra*, nº 69, pp.11-38.
- DAVEAU, S. (2001) - "À propos de la première carte chorographique du Portugal (1526-31)". *Com. XIX Congresso Internacional de História de la Cartografía*, Madrid.
- DAVEAU, S. (2001) - "A descrição territorial no Numeramento de 1527-32". *Penélope*, Lisboa, nº 25, pp. 7-39.
- DAVEAU, S. (2003) - "Conhecimento actual da representação corográfica de Portugal no século XVI". In CAMPAR et al., pp. 33-37.
- DAVEAU, S. (em preparação) - *Um Antigo Mapa Cartográfico de Portugal. Reconstituição a partir do Código de Hamburgo*
- DAVEAU, S. e GALEGO, J. (1995) - "Difusão e ensino da Cartografia em Portugal". In DIAS, M. H. (coord.) - *Os Mapas em Portugal, da Tradição aos Novos Rumos da Cartografia*, Cosmos, Lisboa, pp. 85-123.
- FERREIRA et al. (1956-57) - "O mais antigo mapa de Portugal". *Boletim do Centro de Estudos Geográficos*, Coimbra, nº 12-13, 1956, pp. 3-66; nº 14-15, 1957, pp. 10-43.
- FONTOURA DA COSTA, A. (1960) - *A Marinharia dos Descobrimentos*. Agência Geral do Ultramar, Lisboa.
- GARCIA, J. C. (2006) - "Manoel de Azevedo Fortes e os Mapas da Academia Real de História Portuguesa. 1720-1736". In FERNANDES, M. G. (coord.) - *Manoel de Azevedo Fortes (1660-1749). Cartografia, Cultura e Urbanismo*, Gabinete de Estudos de Desenvolvimento e Ordenamento do Território, Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 141-173.
- Guia de Portugal*, Vol. III, *Beira Litoral, Beira Baixa e Beira Alta*, Lisboa, 1944.
- HALE, J. (2007) - "Cartography, Warfare and Cartography, ca. 1450 to ca. 1640". In WOODWARD, pp. 719-737.
- KAGAN, R. L. (2002) - "Arcana Imperii: Mapas, Ciencia y Poder en la Corte de Felipe IV". In PEREDA e MARÍAS (ed.), pp. 49-70
- KAUFMANN, Kevin (1988) - *An Early Portuguese Geographical Index. The Longitudo et Latitudo Lusitaniae and its relations to sixteenth-century mapping techniques*, University of Wisconsin-Madison (pol).
- LAMB, U. (1985) - "Nautical scientists and their clients in Ibéria (1508-1624): Science from imperial perspective" *Revista da Universidade de Coimbra*, 32, Actas da IV Reunião Internacional de História da Náutica e da Hidrologia, Coimbra, p. 49-61.
- MAGALHÃES COLLAÇO, J. M. T. (1929) - *Cadastro da População do Reino (1527). Actas das Comarcas Damtre Tejo e Odiana e da Beira*. Lisboa.
- MANSO PORTO, C. (1999) - *Cartografia Histórica Portuguesa. Catálogo de Manuscritos (Siglos XVII-XVIII)*. Real Academia de la Historia, Madrid.
- NICOT, Jean (1606) - *Thresor de la Langue Française*.
- ORTELIUS (1570) - *Theatrum Orbis Terrarum*, Ambers.
- PARKER, G. (1992) - "Maps and Ministers: The Spanish Habsburgs". In BUISSERET (ed.) *Monarchs, Ministers and Maps*, The University of Chicago Press.
- PEREDA, F. e MARÍAS, F. (ed.) (2002) - *El Atlas del Rey Planeta. La "Descripción de España y de las costas y puertos de sus reinos de Pedro Texeira (1624)*. Nerea.
- PINHEIRO MARQUES (1987) - "João Teixeira Albernaz I, Carta de c. 1640". In CORTESÃO, A. e TEIXEIRA DA MOTA, A. (1960) - *Portugalia Monumenta Cartographica*. Lisboa, 6 vol., 2ª ed., vol. V, p. 111-112, est. VI.
- REPARAZ, G. (1940) - "La cartographie terrestre dans la Péninsule Ibérique au XVI et au XVII siècles et l'œuvre des cartographes portugais en Espagne". *Revue de Géographie des Pyrénées et du Sud-Ouest*, nº 11, pp. 167-202.
- REPARAZ, G. (1949) - "Une carte topographique du Portugal au seizième siècle". In *Mélanges d'Études Portugaises Offertes à Georges Le Gentil*, Paris, pp. 271-315.
- REPARAZ, G. (1950) - "The topographical maps of Portugal and Spain in the 16th Century". *Imago Mundi*, nº 7.
- Repertório Toponímico de Portugal, 03 - Continente (Carta 1: 25 000)* (1967). Ministério do Exército, Serviço Cartográfico do Exército, [Lisboa], 3 volumes.
- RESENDE, M. T. (1994) - *Cartografia Impressa dos Séculos XVI e XVIII. Imagens de Portugal e Ilhas Atlânticas*. Comissão Municipal Infante 94, Porto.
- SACCHI, D. (1997) - *Mappa dal Nuevo Mundo. Cartografia locali e definizione del territorio in Nuova Spagna (secoli XVI-XVII)*. Milano.
- Tesoros de la Cartografia Española* (2001). XIX Congresso Internacional de História de la Cartografía. Madrid.
- WOODWARD, D. (ed.) (2007) - *The History of Cartography*, Vol. III, *Cartography in the European Renaissance*. The University of Chicago Press.